

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br



Lula pode jogar parado porque o maior adversário de Flávio é ele mesmo

"Jamais interrompa o seu adversário quando ele estiver cometendo um erro." A máxima atribuída a Napoleão Bonaparte, inspirada em suas reflexões sobre *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, parece ter sido escrita sob medida para Flávio Bolsonaro (PL), principal adversário do presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais. O petista enfrenta dificuldades na economia, elevada rejeição e desgastes naturais do longo exercício do poder, porém seu principal adversário insiste em criar problemas para a própria candidatura.

Em vez de explorar as fragilidades do governo, Flávio oferece a Lula oportunidades para recuperar a iniciativa política, mobilizar a esquerda e conquistar eleitores moderados. A lista de erros é extensa. Flávio se envolveu com Daniel Vorcáro, protagonista do escândalo do Banco Master; entrou em conflito com a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que se queixa do tratamento recebido do enteado e se afastou da campanha; apostou que o tarifaço de Donald Trump contra as exportações brasileiras seria atribuído a Lula, mas a medida acabou despertando um sentimento de defesa dos interesses nacionais.

Agora, retoma as suspeitas infundadas contra as urnas eletrônicas, repetindo a estratégia que contribuiu para tornar seu pai inelegível e que esteve no centro da tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023. Nenhum desses episódios, isoladamente, liquidaria uma candidatura competitiva. Somados, no entanto, revelam um problema de estratégia, comando e temperamento.

Flávio parece incapaz de perceber que uma eleição presidencial não se ganha apenas consolidando a base bolsonarista. Para derrotar Lula, precisa conquistar uma parcela do eleitorado de centro, reduzir sua rejeição e transmitir segurança às forças econômicas e partidárias que não desejam a continuidade do PT, mas também não querem uma nova crise institucional. Ao radicalizar o discurso, aproximar-se de personagens controversos e abandonar aliados quando enfrentam dificuldades, o candidato do PL faz exatamente o contrário.

O caso das urnas é exemplar. Diante de representantes de dezenas de países, Flávio poderia ter apresentado um programa econômico, defendido a abertura de mercados, discutido investimentos e demonstrado capacidade de representar o Brasil no exterior. Preferiu ressuscitar uma acusação falsa sobre a participação da empresa venezuelana Smartmatic no sistema de votação brasileiro.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em resposta, carimbou a declaração como fake news. Esclareceu que a Smartmatic não fornece urnas nem programas utilizados no Brasil e que o sistema é concebido e administrado pela própria Justiça Eleitoral. O candidato a presidente do PSD, Ronaldo Caiado, de olho numa vaga de segundo turno das eleições, resumiu a patacoada: "42 embaixadores numa sala: dava para vender soja. Dava para abrir mercado para indústria. Dava para atrair investimento. Escolheram falar de urna eletrônica!".

Aliados se afastam

Flávio reproduziu o comportamento que levou Jair Bolsonaro à condenação pelo TSE após a reunião com embaixadores de julho de 2022. Mesmo integrantes do bolsonarismo passaram a admitir, reservadamente, que o senador repete o erro do pai. A fala pode entusiasmar os eleitores mais fiéis, mas não acrescenta um único voto ao campo da direita. Ao contrário, devolve a Lula a bandeira da defesa da democracia, reabre a memória do 8 de Janeiro e ajuda o PT a enquadrar o adversário como representante de uma ameaça institucional.

Flávio também calculou mal os efeitos da política de Donald Trump para o Brasil. Sua aproximação com o presidente norte-americano poderia ser apresentada como um ativo diplomático, desde que servisse para defender empresas, empregos e exportações brasileiras. Entretanto, sua tentativa de responsabilizar Lula pelas tarifas não convenceu a maioria. A associação com Trump, que deveria fortalecê-lo, passou a alimentar a narrativa governista da defesa da soberania nacional.

O escândalo do Banco Master produziu estragos ainda maiores porque atingiu o discurso antissistema do candidato. Flávio reconheceu ter procurado Vorcáro para obter financiamento privado destinado a um filme sobre Jair Bolsonaro e admitiu que voltou a se encontrar com o banqueiro depois de sua primeira prisão.

O senador nega qualquer ilegalidade, mas as mensagens e gravações divulgadas mostraram pedidos milionários. Politicamente, a proximidade com um banqueiro situado no centro de uma investigação bilionária enfraquece o discurso moralizador do bolsonarismo e dá munição ao PT.

Esse episódio também deteriorou a relação com Ciro Nogueira, presidente do PP e antigo ministro da Casa Civil de Jair Bolsonaro. Quando Ciro foi atingido por uma operação relacionada às investigações do Master, dirigentes do Progressistas esperavam uma manifestação de solidariedade de Flávio. Ela não veio. O silêncio foi interpretado como abandono.

Nesta quarta-feira, Ciro comunicou a Flávio Bolsonaro, pessoalmente, que a federação União Progressista, formada pelo PP e pelo União Brasil, pretende ficar neutra na eleição presidencial no primeiro turno. Além da insatisfação com o comportamento de Flávio, pesaram os interesses regionais e o receio de novas revelações sobre suas relações com Vorcáro. Os dois partidos não estão dispostos a amarrar seu destino a Flávio.



Neutralidade de PP e União impacta Flávio

No foco do senador, União Progressista decide não se vincular a uma candidatura presidencial

» ALÍCIA BERNARDES

A tentativa do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) de conquistar o apoio da federação União Progressista (PP e União Brasil) para a disputa ao Palácio do Planalto enfrenta forte resistência dentro das legendas. Às vésperas da definição das alianças nacionais, interlocutores da cúpula da federação afirmaram ao Correio que o cenário mais provável é a adoção de uma posição de neutralidade na corrida presidencial. A avaliação predominante é que o PP e União devem priorizar sua estratégia eleitoral nos estados, evitando comprometer a atuação dos diretórios regionais com um único projeto nacional.

Segundo aliados da cúpula do União Progressista ouvidos pela reportagem, a reunião entre Flávio Bolsonaro e o presidente nacional do PP, senador Ciro Nogueira (PI), marcada para ontem, dificilmente alterará esse quadro. A expectativa era de que o dirigente reforçasse ao pré-candidato do PL que a tendência majoritária será preservar autonomia para as negociações locais. Nos bastidores, dirigentes afirmam que a neutralidade passou a ser vista como a alternativa capaz de reduzir conflitos internos e ampliar a competitividade da federação nas eleições proporcionais.

Fontes ligadas ao comando do PP disseram ao **Correio** que existe

Lula Marques/ Agência Brasil



Ciro teria ficado magoado com a falta de apoio de Flávio no caso Master

um entendimento consolidado de que cada diretório estadual deverá conduzir suas próprias costuras políticas, conforme as realidades locais. Na prática, isso permitirá que a federação esteja ao lado de diferentes candidaturas presidenciais nos estados, quando houver interesse eleitoral, sem que isso represente um compromisso nacional. A estratégia também

contempla a preservação das alianças já construídas em disputas regionais, muitas delas incompatíveis entre si.

Integrantes da cúpula do União Progressistas relatam que o principal objetivo é ampliar a bancada na Câmara dos Deputados e fortalecer a presença nos governos estaduais. Para esse grupo, um alinhamento formal a uma candidatura

presidencial poderia limitar acordos regionais considerados estratégicos. A avaliação interna é de que a liberdade para negociar nos estados oferece maior margem para o crescimento eleitoral em 2026.

Apesar da resistência, interlocutores afirmam que o diálogo com o PL continuará aberto até o encerramento das convenções partidárias. A campanha de Flávio Bolsonaro ainda aposta na possibilidade de construir uma composição com partidos do Centrão e tenta convencer dirigentes de que uma aliança nacional poderia ser acompanhada de acomodações regionais. Contudo, aliados do PP consideram que o espaço para uma mudança de posição é reduzido diante do consenso formado nas últimas consultas feitas aos dirigentes estaduais.

A decisão deverá ser formalizada nos próximos dias, antes do prazo final das convenções partidárias — em 5 de agosto. Até lá, a orientação predominante na federação é se manter oficialmente neutra na disputa pelo Planalto, enquanto diretórios estaduais ficarão responsáveis por definir as alianças que considerarem mais vantajosas em seus respectivos cenários eleitorais. A expectativa entre dirigentes é que esse modelo preserve a unidade do União Progressista e evite desgastes internos em uma eleição marcada pela fragmentação das forças políticas.

Aceno à esquerda

Além da neutralidade, o presidente nacional do PP, Ciro Nogueira (PI), indicou a aliados que não deve ser oposição ao Palácio do Planalto a partir de 2027, independentemente de quem vença as eleições de outubro, e que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva parece hoje mais perto da vitória do que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

A equipe de Flávio apostava na coligação com União-PP em nível nacional para ganhar maior tempo de propaganda na TV e no rádio, uma vez que as cotas são divididas de acordo com o tamanho das bancadas dos partidos na aliança dos candidatos. O PT de Lula terá consigo PCdoB, PV, PSB, PDT, PSOL e Rede.

A decisão de não tomar lado na disputa presidencial é uma demanda das lideranças regionais, uma vez que o PP recebe votos da esquerda em estados do Nordeste e da direita no Sul e Sudeste. Em estados como Piauí, Pernambuco e Paraíba, por exemplo, estar associado a Flávio Bolsonaro pode prejudicar a campanha eleitoral de diversos candidatos.

Além de facilitar os palanques estaduais, outra motivação para a neutralidade foi o incômodo de Ciro com a falta de uma defesa pública de Flávio ao presidente do PP durante a fase da Operação Compliance Zero, da Polícia Federal, que teve o senador como alvo, em maio.

A aliados, o presidente do PP lembra que até Lula se manifestou sobre o assunto. "A Polícia Federal cumpriu uma decisão judicial. Eu espero que todas as pessoas investigadas sejam inocentes", disse o petista na ocasião.

Flávio, por sua vez, tentou se afastar de Ciro. "Olha, vocês querem me vincular com o Ciro Nogueira, mas o Banco Master é do Lula", afirmou em maio. Interlocutores do senador afirmam que Ciro ficou magoado com o episódio.

Já a intenção de não fazer oposição ao próximo governo, seja ele do PT ou do PL, foi vista como uma tentativa de angariar apoio da esquerda num estado que vota majoritariamente com Lula.

DEGUSTAÇÃO DE VINHOS JARDIM DO LAKE'S

No dia 25 de julho, participe de uma degustação exclusiva no Jardim do Lake's, com **mais de 30 rótulos de diferentes países** para você apreciar e descobrir novos sabores.

19h às 22h
Lake's Restaurante

- Individual: R\$ 350
- Casal: R\$ 600

61 3323-1029 | 402 SUL

Lake's
RESTAURANTE